

OS NADINHAS, DE ASSIS BRASIL

Configurações de fantasia e formação do leitor criança

Maria dos Remédios Silva¹

Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha²

RESUMO

Este estudo propõe-se a investigar a função da fantasia na obra *Os nadinhas*, de Assis Brasil, na perspectiva da formação do leitor na literatura infantil, em que o foco é a exploração da fantasia como um elemento de formação crítica e emancipatória, observando-se a voz do narrador e das personagens no enredo. Para este trabalho de pesquisa, recorre-se às concepções de Bettelheim (2007), Freud (1996), Aguiar (1986), Candido (2002), Cademartori (2010), Magalhães (2001), Zilberman (2003), Cosson (2011), além de outros autores que reforçam a discussão pertinente ao tema. O resultado da análise aponta que a articulação do elemento fantasia com o real na literatura infantil de Assis Brasil configura-se como experiência estética, utilizando as características simbólicas dos contos tradicionais e estimulando o imaginário do leitor, para o desenvolvimento do caráter formador e emancipatório da criança no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Literatura infantil. Assis Brasil. Fantasia. Formação do leitor. Função emancipatória.

ABSTRACT

This study aims to investigate the role of fantasy in the work *Os nadinhas*, by Assis Brasil, from the perspective of the reader's formation in children's literature, in which the focus is the exploration of fantasy as an element of critical and emancipatory formation, observing the narrator and characters's voices in the plot. As theoretical basis for this article we use the conceptions of Bettelheim (2007), Freud (1996), Aguiar (1986), Candido (2002), Cademartori (2010), Magalhães (2001), Zilberman (2003), Cosson (2011), and other authors that reinforce the relevant discussion to the theme. The result of the analysis indicates that the articulation of the element fantasy as the reality in children's literature of Assis Brasil appears as aesthetical experience, using the symbolic characteristics of the traditional tales and stimulating the reader's imagination, to the development of the formative and emancipatory character of the child, in his process learning.

Keywords: Children's literature. Assis Brasil. Fantasy. Formation of the reader. Emancipatory role.

1 Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Piauí.

2 Mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Piauí. Pesquisador da obra infantil e juvenil do escritor piauiense Assis Brasil. Professor Provisório da Universidade Federal do Piauí, atuando no curso de Graduação Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, com experiência e interesse acadêmico em Teoria Literária, principalmente nos temas crítica literária, literatura brasileira contemporânea, literatura infantil e juvenil, leitura literária e formação de leitores.

INTRODUÇÃO

A fantasia na literatura infantil é considerada pela crítica especializada como um elemento primordial para as construções narrativas que se destinam às crianças, bem como elemento formativo na leitura literária. Assim, esse caráter importante no contato do leitor criança com a obra literária é constatado na obra *Os nadinhas*, do escritor piauiense Assis Brasil. Nesse sentido, problematizamos o estudo com o seguinte questionamento: como a fantasia na literatura infantil possibilita a formação de um leitor crítico e emancipado? Essa problematização é pertinente, pois a narrativa em estudo traz aspectos relativos a isso, que propiciam um movimento positivo à aquisição de uma postura mais autônoma e libertária por parte do leitor do gênero, diante da vida social.

A compreensão de especialistas da área educacional brasileira e de críticos literários têm sido comum em relação à positividade e relevância da inserção da literatura infantil nos primeiros contatos do processo de leitura e de escrita das crianças, inicialmente conduzido por meio da família e da convivência social e, posteriormente, no âmbito escolar. Todavia, esta é uma discussão que requer reflexões aprofundadas sob a perspectiva da interação no ensino-aprendizagem da criança e do caráter que pode proporcionar à sua emancipação, enquanto sujeito leitor em um mundo plural e diverso, considerando a atualidade.

Este estudo consiste em investigar a função da fantasia na obra *Os nadinhas*, de Assis Brasil, na perspectiva da formação do leitor criança. A escolha do tema dá-se pela relevância que a volumosa produção da literatura infantil brasileira promove no público infantil. Por isso, este tipo de leitura tem gerado grande auxílio para formação das crianças. Isto ocorre quando sua utilização é feita de forma adequada e prazerosa, criando as condições cognitivas favoráveis para esse processo de fruição, estimulado pelo imaginário próprio do humano.

O escritor Assis Brasil é inventor de um acervo literário que reúne dezenas de publicações destinadas ao público criança e outros numerosos livros publicados para os leitores jovens e adultos. *Os nadinhas* é uma publicação que traz no seu teor a história de um menino em seus primeiros contatos com a leitura, a escrita e a significação de palavras, iniciados no ambiente familiar, sob a responsabilidade do avô, um jornalista e escritor. Este contato com a leitura que o público infantil realiza, antes do processo no âmbito escolar, tem ajudado muito no desenvolvimento intelectual da criança, mesmo sendo realizado de forma não pedagógica, ou seja, não cumprindo as exigências necessárias de um plano educacional, como é comum numa instituição escolar.

LITERATURA INFANTIL E FANTASIA

As pesquisas acadêmicas dão conta das primeiras produções literárias destinadas às crianças, a partir do século XVII, pelo francês Charles Perrault, num trabalho de adaptação de narrativas folclóricas, pois antes desse período, constata-se que adultos e crianças compartilhavam do mesmo tempo e espaço nas leituras de obras literárias. Com as mudanças significativas implementadas pela sociedade europeia no século XVIII, advindas da ascensão da burguesia e da promoção das alterações das formas sociopolítica, econômica e cultural, culmina um novo formato familiar, que proporcionou à criança o seu *status* de “infância”, reconhecendo-se a diferenciação de aspectos dos espaços infantil e adulto.

Para a formação de uma literatura infantil, no século XIX, surge a obra dos irmãos Grimm³, Jacob e Wilhelm, cuja produção também é resultado da transformação de contos folclóricos da tradição oral, que não eram, no passado, dirigidos, especificamente, ao público infantil. Os irmãos Grimm suavizaram traços de erotismo e de violência presentes nesses contos, com a finalidade de uma transmissão de moralidade (CECCANTINI, 2011).

A nova condição ascendente da burguesia viabilizou a expansão, o aperfeiçoamento e a reformulação do sistema escolar e a instituição de uma literatura destinada às crianças. Para Zilberman (2003), a aproximação da instituição e o gênero literário não aconteceu de forma tão fortuita, isso pelo fato dos primeiros textos para crianças serem escritos por pedagogos e professores com marcante finalidade educativa. A autora ainda destaca que a permanência da literatura infantil como colônia da pedagogia causa sérios prejuízos para a relação literatura e ensino, isto porque tinha finalidade pragmática, apresentava objetivo didático com caráter de dominação da criança e não era aceita como arte, o que requeria uma mudança de comportamento, transformando a literatura infantil em diálogo saudável entre o livro e seu leitor mirim.

Aguiar (1986) afirma que a criança deve descobrir o prazer da leitura antes de aprender a ler, sendo fundamental a participação dos pais nesse processo de aquisição, porém, é para o professor que convergem as maiores expectativas da inserção da criança no universo da leitura. Esse posicionamento da autora reforça a prática de leitura para crianças em seus anos iniciais,

3 “A coletânea dos irmãos Grimm, constituída de contos folclóricos, mais conhecidos como *contos de fadas*, tornou-se a primeira literatura das crianças burguesas. A publicação desses contos marca o início da adaptação na literatura infantil, pois a passagem da oralidade à escrita implicou não apenas a mudança de destinatário, mas também as alterações quanto à função exercida pelos contos em relação ao público”. (MAGALHÃES, 2001, p. 26, grifo da autora).

pois elas conseguem recriar outras histórias a partir de sua fantasia, porém, o problema que se coloca é quanto à disponibilidade e acessibilidade dos pais nesse processo formativo.

No Brasil, a história da literatura infantil tem o seu surgimento impulsionado no decorrer do século XX, antes desse período, as obras literárias para crianças eram traduções e adaptações de clássicos, conforme Magalhães (2001). Magalhães (2001) afirma que a estreia de uma obra autenticamente brasileira surgiu a partir da publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, em 1921, uma obra que inspirou outros escritores brasileiros a utilizarem das mesmas ferramentas e que passaram a se dedicar ao público infantil. A obra *A menina do narizinho arrebitado* (1921) foi lançada no período em que o apreço pela criança não tinha tanta importância, também se vivia e sentia-se as profundas marcas deixadas pela primeira guerra mundial, mas em contrapartida, era um momento de fortes mudanças sociais e políticas e de uma economia que precisava reagir ao novo momento pós-guerra, favorecendo a sociedade da época. Esse momento motivou a mudança do modelo tradicional da família brasileira com a inserção da mulher no mercado de trabalho e como contribuinte no sustento do lar, no entanto, os afazeres laborais passaram a comprometer a atenção aos filhos, e estes ficaram a cargo de outras pessoas nem sempre tão próximas, como os avós (contextualização histórica brasileira). Esse contexto sociohistórico levou Monteiro Lobato a imprimir, em suas obras destinadas ao público infantil, um novo formato de vivência da infância, agora em um universo mágico e propício para expandir o imaginário prodigioso desse público.

A conceituação e compreensão de literatura infantil é bastante ampla entre estudiosos da temática, embora concordem em amplitude que qualquer literatura tende a ser escolhida pelo interesse do leitor. Dito isto, podemos conferir o que escrevem alguns estudiosos sobre o assunto. Cademartori (2010) traz a definição de literatura infantil como um gênero literário determinado pelo público a que se destina. A mesma autora pondera que os adultos tendem a definir os textos próprios à leitura pela criança, por isso a partir desse juízo recebem a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os livros. Para Magalhães (2001), a designação infantil é aplicada ao conjunto de textos lidos pela criança, sejam eles de caráter lúdico ou didático, isto é, a expressão “literatura infantil” compreende-se por toda a produção escrita dirigida à criança. Martha (2011) diz que o reconhecimento da literatura infantil deve ser pelo seu caráter artístico, e não somente pelo caráter pedagógico, ou seja, o estético tendo maior presença na constituição do texto literário, conferindo-o como objeto que transmite cultura e expressão de visões de mundo.

Sobre as menções apresentadas, devemos considerar que não há uma conceituação definida de literatura infantil, são muitos os pontos de vista em torno desse gênero, porém, há várias induções de conteúdos que exploram a capacidade criativa da criança, a magia e a fantasia do seu universo psíquico. Essas experiências são sempre retratadas nas obras literárias pelas diferentes relações vivenciadas e problematizadas através das diversas personagens em construções, que podem contribuir, sobremaneira, para a formação e emancipação do leitor infantil. Nesse sentido, Rocha (2013, p. 17) conclui que literatura infantil:

É um sistema de obras destinadas às crianças e aos jovens em que o adulto partilha visões de mundo, experiências e conhecimentos, por meio de um procedimento estético, na expectativa de que os leitores do gênero descubram através desse canal, com o auxílio da imaginação, vários eventos existenciais que atendam à sua vivência de ser emancipado em sociedade.

Assim, esse ponto de vista também converge para solidificar a discussão em torno da promoção de formação e emancipação do leitor criança em seu contato com a leitura da obra ficcional.

No tocante às discussões sobre a fantasia na literatura infantil, podemos iniciar, primeiramente, pela sua etimologia, que deriva do latim *phantasia* uma herança do grego *phantasia*. Os dicionaristas atribuem sua significação a algo que está associado à ideia de mostrar ou tornar visível, simboliza a criatividade humana através da imaginação. A fantasia também é traduzida como sendo a faculdade de imaginar; coisa que não tem existência real, apenas ideal, caracterizada como sendo folclore, sonho, devaneio, máscara, disfarce, vestimenta carnavalesca, além de outras significações.

Prosseguindo com as discussões a propósito do elemento fantasia, dizemos, antecipadamente, que se trata de um componente bastante presente em *Os nadinhas*, e funciona como próprio do imaginário da personagem criança. Esse recurso de ordem imaginária não é unicamente próprio da infância, mas do homem em todas as fases de sua vida, realizando-se por uma necessidade universal.

Candido (2002) diz que a função psicológica vem primeira quando se pensa no papel da literatura, pois a sua produção e fruição se baseiam na necessidade universal de ficção e de fantasia coextensiva ao homem para satisfazer suas necessidades elementares, ou seja, uma necessidade que ocorre em todos os níveis: no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. Candido (2002) considera que a fantasia quase nunca é pura,

por estar constantemente relacionada há alguma realidade natural, paisagística, sentimental, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, enfim, tudo aquilo que rodeia o ser humano. Por isso, a impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não entendemos.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que camadas profundas da personalidade humana estão sujeitas a sofrer um bombardeio poderoso operado pelas obras lidas, e que podem atuar de certa maneira, em que não se possa avaliar. A fantasia como faculdade de criação pela imaginação atua como auxílio para a compreensão de mundo por parte da criança. Zilberman (2003, p. 130) alerta para o fato de que a fantasia torna-se “setor privilegiado pela vivência do livro infantil. De um lado, porque aciona o imaginário do leitor; e, de outro, porque é o cenário no qual o herói resolve seus dilemas pessoais ou sociais”.

A fantasia é abordada por Magalhães (2001) como um recurso utilizado pela literatura para facilitar a identificação entre o leitor e o texto, evidenciado sob os aspectos do animismo, artificialismo e do antropomorfismo. De acordo com Bettelheim (2007), os contos de fadas tornam-se a melhor escolha de literatura infantil, porque proporcionam à criança respostas aos seus conflitos interiores, satisfazendo, ainda, as necessidades psíquicas de seu desenvolvimento, que são atendidas por meio do simbólico, constituinte fundamental do texto literário.

As obras infantis de Assis Brasil são providas de reflexões sobre questões sociais, Contudo, para o leitor mirim essa veiculação ocorre de maneira harmonizada, usando-se de sutilezas que não causem alguma espécie de prejuízo para a compreensão desse sujeito. O relacionamento entre os seres do universo das narrativas infantis de Assis Brasil possibilita uma formação em relação ao leitor. É a partir desse compartilhamento que a literatura ganha força do discurso, que a insere como mecanismo de formação e emancipação.

A obra *Os nadinhas* foi reeditada pela editora Nova Aliança em 2014, com ilustrações de Ângela Rego, sendo publicada em anos anteriores pela editora Scipione, como em 1995 para a “Coleção Histórias que eu gosto de contar”. Essa obra foi premiada com o Prêmio Luiz Jardim/ União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, em 1989. Trata-se de uma obra ficcional destinada ao público infantil, que rememora os primeiros contatos de um menino com a leitura, a escrita, a significação das palavras e a fantasia. O menino Lucas é a personagem principal da história. Órfão de pai, Lucas foi criado pelo avô Mateus e pela mãe Arminda, responsável pelo lar. O avô figura patriarca ocupava-se de seus trabalhos jornalísticos e de seus artigos e, ao mesmo tempo, encarregava-se da alfabetização inicial do neto.

Luquinha, como era carinhosamente chamado pelo avô, era bastante ativo e astuto, com atitudes típicas de uma criança de cinco anos de idade, que vivia às voltas no pequeno quintal de sua casa, na vila de Japeri, no Rio de Janeiro. Curioso, passava horas debaixo de uma goiabeira observando os sanhaços que se alimentavam dos frutos maduros da árvore. Ainda se ocupava de espiar seu avô no escritório da casa, em seu ambiente de trabalho. O avô diante de tamanha curiosidade do neto logo percebeu que já era momento de alfabetizá-lo, antes mesmo dele ingressar na escola. O menino Lucas demonstrou as dificuldades típicas de alguém que experimenta ou constrói algo desconhecido pela primeira vez, mas logo superou seus primeiros obstáculos e aprendeu as primeiras letras, a soletrar as sílabas e a fazer associação de ideias através dos ensinamentos do avô, e dos significados das palavras que lhe permitiram as construções de suas primeiras imagens literárias.

Os nadinhas apresenta o compartilhamento de experiências quando o narrador/protagonista relata a convivência que mantém com o avô durante seu processo de alfabetização. Por sua vez, o vovô Mateus busca por meio de seu amplo conhecimento intelectual e de suas experiências de vida promover ao neto Luquinha as condições necessárias para que ele alcance a compreensão da relação existente no que concerne à fantasia e a realidade, mesmo que por condições limitadas, já que o pequeno menino tem apenas cinco anos de idade.

Na narrativa infantil de Assis Brasil, esse aspecto se evidencia na convivência que passou a existir, imaginariamente, da personagem criança com os Nadinhas, revelada no seguinte trecho: “A natureza de um bicho completa a natureza de outro bicho. Se um tem qualidades para se defender e defeitos para atacar, outro tem qualidades para atacar e defeitos para se defender. Em tudo há equilíbrio, Luquinha. Deus quis assim” (BRASIL, 2014, p. 56). Voltando ao ficcional, as palavras do avô, carregadas de ensinamentos, apresentam-se como forma de provocar o imaginário e, conseqüentemente, estabelecer a reformulação do seu ambiente real por meio de seu desejo, ou de sua fantasia, a partir do desenvolvimento psíquico de Luquinha.

No exame da narrativa de Assis Brasil, se evidencia a fantasia como algo promocional ao desenvolvimento cognitivo da personagem criança, e muito embora, Assis Brasil seja um escritor de perfil realista, a trama advém de uma marca dos contos orais e tradicionais, que trazem à mostra o moralizante. Todavia, a questão merece um olhar mais reflexivo do homem que se constitui desses ensinamentos. Nessa perspectiva, Cademartori (2010, p. 24) afirma: “Sendo assim, essa literatura se configura, não só como instrumento de formação conceitual, mas oferece, na mesma medida, elementos que podem neutralizar a manipulação do sujeito pela sociedade”.

Outro aspecto pertinente de *Os nadinhas* corresponde à forma como adulto e criança se apoderam da fantasia na ludicidade, como visualizado no seguinte trecho: “Quanto ao meu avô, eu ainda tinha as minhas dúvidas: não sabia realmente se acreditava ou não na existência dos Nadinhas, mas, de qualquer maneira, às vezes ele participava compreensivo das brincadeiras e até consentia que eu mexesse na sua estante.” (BRASIL, 2014, p. 64).

Em geral, a criança e o adulto se comportam de maneira diferente quando se trata da realidade e do brincar. Para a criança, o ato ocorre de maneira natural sem qualquer constrangimento, pois o adulto, no entanto, não deixa transparecer essa necessidade, situação abordada em *Os nadinhas*. Para mais esclarecimentos em torno do assunto, citamos o postulado de Freud:

As fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças. A criança é verdade, brinca sozinha ou estabelece um sistema psíquico fechado com outras crianças, com vistas a um jogo, mas mesmo que não brinque em frente dos adultos, não lhes oculta seu brinquedo. O adulto, ao contrário, envergonha-se de suas fantasias, escondendo-as das outras pessoas. Acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral preferiria confessar suas faltas do que confiar a outro suas fantasias (FREUD, 1996, p. 136-137).

Convém elucidar que a criança investe o seu tempo nas atividades do brincar, utilizando brinquedos ou jogos, de maneira intensa, realizando tal ação com muita seriedade. O mundo da brincadeira, que tem na fantasia seu elemento fundamental, é percebido pela criança como distinto da realidade. O fantasiar da criança é feito abertamente, podendo ser observado no seu brincar. Portanto, a criança pode atuar no mundo real, fantasiando, enquanto que o adulto, por normas sociais, não pode expressar abertamente suas fantasias.

FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DO LEITOR CRIANÇA

O processo de formação do leitor não incide apenas em decifrar signos linguísticos ou se apropriar da leitura e da escrita, pois esse processo vai muito além dessas condições que podemos considerá-las externas. Existe um fator preponderante no meio de tudo isso, a condição e a capacidade criativa do leitor em interpretar – compreender aquilo que está à sua disposição enquanto leitura. No caso da criança, o processo aquisitivo começa a ser trabalhado pela família que lhe apresenta de forma oral, os primeiros contos, e isso ganha mais reforço com a convivência em sociedade e da participação da escola, ambas funcionando como transmissoras das diferentes trocas de linguagens comunicativas.

Zilberman (2003) considera que a natureza formativa do sujeito pode advir de uma relação de compartilhamento entre a literatura e a escola, pois essa possibilidade se torna possível porque, tanto a obra de ficção como a instituição de ensino, estão voltadas à formação do seu destinatário. Entretanto, o uso da literatura como matéria educativa antecede a existência formal da escola. Ao considerar que as tragédias gregas constituíam em seu princípio a educação moral e social do povo, e que a fórmula horaciana utilizava a literatura com o duplo pressuposto de ensinar a ler e escrever, a literatura atual, também carrega como objetivo a formação cultural do sujeito a partir de sua emancipação (ZILBERMAN, 2003). Estendendo a discussão, Cademartori (2010) destaca que a literatura infantil torna-se importante para a criança pelo espaço de liberdade que a leitura oferece, além de produzir experiências com a linguagem e com os sentidos, o que amplia, significativamente, o repertório de informações, e foi esse interesse mais imediato que a educação formal vislumbrou na literatura infantil.

Outra perspectiva de estudo da literatura infantil está relacionada ao letramento literário, voltada à formação da criança. Nesse caso, abordado como uma ação de assimilação da literatura enquanto linguagem. Sobre isso, Cosson (2011) diz que o processo de letramento literário ocorre como ato contínuo e em movimento, que começa com cantigas de ninar e perdura por toda a vida, a cada obra lida, novela ou filme assistido. Depois é que ocorre a apropriação do letramento, isto é, de internalizá-la como própria de si. Segundo o autor, essa internalização de apropriação promovida a cada obra literária lida faz com que o leitor aprenda com a personagem as mais diferentes formas de percorrer os caminhos da vida, dando voz aos diferentes corpos que se misturam à composição física: corpo linguagem, corpo sentimento, corpo imaginário, corpo profissional, dentre outros. A partir daí, o leitor torna-se apto a exercer seus diversos papéis e a buscar reflexivamente as respostas cabíveis e/ou não para seus questionamentos.

Ainda sobre essa abordagem, considera-se que é na interação com o outro que as intencionalidades e os sentidos, inicialmente inexistentes, que a criança inicia-se como ser de linguagem. Sobre isso, Cosson (2011, p. 17) afirma que: “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor.” *Os nadinhas* revela essa troca de experiência nos diálogos entre o vovô Mateus e o garoto Luquinha, como constatamos no seguinte trecho:

[...]Acho que o vovô gostava de brincar comigo, porque de vez em quando perguntava, meio desconfiado:

– E os Nadinhas, como vão?

– Vão bem, vovô. Descobri que são várias famílias. Eles visitam os parentes, dão festa e às vezes se mudam de casa.

– Como assim? São despejados por falta de pagamento? – ele parecia querer sustentar a brincadeira (BRASIL, 2014, p. 31).

A partir desta citação, observamos, além da proximidade da convivência saudável entre o avô e o neto, há um reforço da troca de experiências, onde o narrador expõe suas vivências da mesma forma que se apresenta testemunha de outras experiências. A troca de experiência atua como fator importante para a formação do sujeito, mais ainda quando se projeta através da obra literária como já mencionamos anteriormente sobre o aspecto da fantasia. Convém ressaltar que o crítico literário Candido (2002) postula três funções basilares para a compreensão da literatura: *função psicológica*, *função formativa* e *função de conhecimento do mundo e do ser*.

A *função psicológica* está relacionada à necessidade ficcional que o homem possui em todas as suas fases da vida, sob a via oral ou visual, e também sob todos os tipos de formas, curtas elementares, extensas e complexas, manifestadas a cada instante. A *função formativa* compreende-se pela capacidade que a literatura possui de educar, afastando-se das instruções de ordem moral e contribuindo para a formação da personalidade. A literatura transfigura o real, revelando a vida no plano narrativo. Essa função tem um aspecto humanizador porque faz viver, trazendo livremente à tona a ambivalência do bem e do mal, fator inerente do viver em sociedade. Essa função permite que o leitor se reconheça no texto literário e a partir dessa leitura adquira novas maneiras de se relacionar com o mundo ao qual pertence. A *função de conhecimento do mundo e do ser* destaca-se pela importância que dá ao elemento cognitivo como ao elemento estético da literatura, isso porque possui autonomia de significados sem se desligar da inspiração do real. Assim, aos leitores são oferecidas visões de mundo que podem auxiliar na sua formação existencial e na compreensão dos papéis que podem exercer na sociedade (CANDIDO, 2002).

A literatura infantil desperta no leitor os mais diversos sentimentos, seja na perspectiva da fantasia, seja do ponto de vista real, valendo-se de tudo que pode culminar para a contribuição do desenvolvimento e da formação de sujeito humanizado, com potencial crítico e reflexivo. Com esse pensamento, se faz necessário que atentemos para a voz do narrador e da personagem como veículo condutor de possibilidades inimagináveis.

VOZ DO NARRADOR E DA PERSONAGEM NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRIANÇA

O narrador com o auxílio da personagem consegue explorar a capacidade criativa do leitor, expondo situações que lhe indiquem soluções e, ao mesmo tempo, fazendo-o perceber que aquele conflito não é próprio de si. Bettelheim (2007) parte da ideia de que a criança leitora busca, além da informação e do entretenimento na literatura infantil, um significado para sua existência, e o conto de fadas é um gênero que se apresenta como modelo adequado para essa finalidade, pois o seu dualismo satisfaz psiquicamente o sujeito em desenvolvimento.

Para complementar esse assunto e tornar a função do narrador mais proeminente, recorreremos a Coelho (2000) que destaca seis categorias de narrador: *contador de histórias ou narrador primordial* (linhagem homérica ou mítica), este recurso vale-se da memória, mediação ou aspecto testemunhal; *narrador demiurgo ou onisciente* (linhagem romanesca) possibilita a (re) criação de uma verdade ficcional como verdadeira; *narrador confessional ou intimista* expõe suas vivências e, ao mesmo tempo, coloca-se como testemunha de outras experiências; *narrador dialógico e/ou dialético* corresponde à intencionalidade de não ser ouvido, mas de provocar a comunicação entre sujeitos de primeira e segunda pessoa (eu/tu); *narrador insciente*, aquele que ignora as suas razões à sua volta e convive com incertezas ou certezas contraditórias; *narrador in off*, como o próprio nome indica, não se ouve a voz do narrador, mas ele interage com as personagens.

A partir da classificação dos tipos de narrador, torna-se possível um reconhecimento mais aclarado da voz empregada por Assis Brasil na obra *Os nadinhas*. A personagem traduz por meio de sua voz as ideias, opiniões e sentimentos expostos pelo narrador confessional, funcionando como uma caixa de ressonância, que reverbera sob a possibilidade de uma formação consciente e emancipatória do leitor criança. A citação a seguir revela a voz do protagonista que narra suas experiências comunicativas com o avô Mateus:

[...] – Não sei bem, vovô. Um dia observei a mudança de uma família de nadinhas. Eles saíram, com trouxinha e tudo, da palavra desagrado para a palavra emprego. Foi uma longa viagem, várias páginas adiante. No seu dicionário, as casas de *d* e *e* ficam muito longe.

Ele comentou, talvez ainda para apoiar e continuar minha brincadeira:

– Bem, quem mora numa casa chamada desagrado, tem mesmo que se mudar, não é? Isso também acontece com as pessoas. - É mesmo, vovô?

– É. Às vezes a gente mora numa casa de que não gosta. Nós gostamos da nossa, não há problema por aqui, mas eu lembro de um amigo meu (BRASIL, 2014, p. 32).

Grande parte da literatura infantil moderna oferece à criança um estilo de texto que traz informações ditas “corretas” do mundo e da sociedade a qual está inserida, demonstrando uma contraposição ao estilo tradicional dos contos de fadas. Entretanto, esse estilo recebe críticas da teoria de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo e do estudo psicanalítico de Bettelheim, que considera equivocada a tendência ao realismo, o desfecho triste e a falta de profundidade psicológica (MAGALHÃES, 2001). A propósito, citamos este trecho da obra literária: “Minha imaginação fervilhava e, embora com medo de uma reação mais violenta do vovô, não deixava de me divertir com aquela situação, pensando mil e um artifícios para salvar os Nadinhas.” (BRASIL, 2014, p. 44).

De acordo com esse posicionamento, compreende-se que a criança necessita da linguagem simbólica para ativar os seus impulsos inconscientes e personificados. Focalizar apenas o aspecto “real” priva a criança de trabalhar seus dilemas na perspectiva da fantasia, e essa privação, segundo advertência de Bettelheim, pode ocasionar regressão na adolescência ou até mesmo na vida adulta (MAGALHÃES, 2001). Como ocorre nos contos tradicionais e realistas, o protagonista de *Os nadinhas* enfrentou mais uma situação de dualidade, saber até que ponto seu avô instigava a sua imaginação, conforme este trecho da narrativa:

Talvez notando que eu ficava desconsolado, triste, vovô, naturalmente para me agradar, voltou a confundir imaginação e realidade. Se ele fez de propósito, eu nunca soube ao certo. Rapidamente ele acariciou minha cabeça e disse, compreensivo: – Luquinha, acho que os seus nadinhas vão ter de se mudar de casa, quero dizer, de país. Tomei aquela advertência ao pé da letra (BRASIL, 2014, p. 52).

Uma das características do narrador é oferecer ao leitor criança as diferentes linguagens que pairam sobre o texto literário, que muitas vezes são carregadas de vivências, dilemas, questões sociais, cunhos moralizantes e até mesmo como troca de experiências, compartilhadas sob a ótica ficcional e realista. A voz do narrador proporciona as condições e estratégias favoráveis a que se tenha a oportunidade de experimentar as diferentes linguagens. Sobre isso, é importante destacar o que Cademartori (2010, p. 63) expõe: “A poesia e a narrativa oferecem à criança em fase de alfabetização a oportunidade de experimentar a potencialidade linguística, descobrindo as diversas possibilidades de nomeação que mediará sua exploração e entendimento do mundo”.

CONFIGURAÇÕES EMANCIPATÓRIAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRIANÇA

A obra *Os nadinhas* caracteriza-se por se inscrever na tradição do conto de fadas, isto porque o autor preserva a fantasia para estimular o imaginário do público leitor ao qual se destina, mas, mantendo-a como uma narrativa questionadora. Magalhães e Rocha (2012) apresentam Assis Brasil como inovador da literatura infantil e juvenil dos anos 1980, ao lado de outros escritores brasileiros, pois a sua produção literária para crianças e jovens é muito volumosa e aborda diferentes temáticas. Além disso, a sua literatura infantil possui uma linguagem acessível, destaca a cultura brasileira e proporciona aos leitores mirins uma adesão quanto ao trato do enredo, em virtude dos contextos do universo infantil.

As obras literárias de Assis Brasil não se afastam da tradição de engendrar um final feliz e de promover a profundidade psicológica necessária para o desenvolvimento da criança, fazendo-se, essencialmente, presente o recurso da fantasia. Para a autora Coelho (2010), as narrativas de Assis Brasil valorizam o aspecto da fantasia igualmente os contos de fadas e, ao mesmo tempo, expõe uma literatura questionadora dos valores sociais concernentes às relações existentes entre a criança e o mundo em que está inserida.

O narrador de *Os nadinhas* demonstra clara intenção de reforçar o que outros autores e críticos literários defendem sob o incentivo à leitura e a escrita nos primeiros anos de convivência das crianças, primeiramente, no ambiente familiar e posteriormente, na instituição escolar. O autor ainda proporciona uma reflexão em torno da capacidade formativa que a literatura exerce sobre os diferentes sujeitos, evidenciada nas atitudes do avô preocupado com a educação do neto, dos métodos utilizados para alfabetização, da criatividade e emancipação do protagonista.

No aspecto da fantasia na formação do leitor, a obra *Os nadinhas* apresenta inicialmente um dilema a ser resolvido pela personagem Lucas, para entender como funciona sua árvore genealógica:

[...] Então ficava imaginando que o vovô era meu pai e pai da minha mãe, e por isso ela era minha mãe-irmã. E, assim, já desenvolvendo minha imaginação, achei que a nossa família era bem diferente das outras, porque pai, filho, avô, irmã e mãe eram tudo um só parente (BRASIL, 2014, p. 4).

É a partir desse momento que surgem os primeiros conflitos que permeiam a vasta imaginação de Lucas. Esse trecho corrobora com o que Magalhães (2001, p. 33) expressa sobre a epistemologia genética de Piaget, em que a criança é vista como um ser em desenvolvimento,

com construção e percepção da realidade diferente da visão adulta, por isso não se pode exigir dela uma assimilação rápida. De modo comum, o leitor infantil, a partir da assimilação, vai formando seu conhecimento para resolver os seus dilemas interiores.

A discussão requerida, até o presente momento, tende a permitir um suporte de juízo mais plausível acerca da contribuição da fantasia como componente principal da literatura infantil para formação de sujeitos, notadamente, com capacidades críticas e estimulados a exercerem posturas emancipatórias, constituídas de suas vivências sociais, a partir da apropriação da leitura e da escrita. Nessa perspectiva, partilhamos do seguinte pensamento de Magalhães e Rocha (2012, p. 6) sobre a literatura infantil de Assis Brasil: “a relação entre a fantasia e o real tem papel significativo no processo de conhecimento do mundo e da condição humana”. Assim, podemos determinar a dimensão da função do seu texto literário para as crianças leitoras, vislumbrando a participação ativa do leitor e oferecendo a ele novas dimensões da vida, conforme estudos de Rocha (2013) a respeito das seguintes obras infantis de Assis Brasil: *Os desafios de Kaito* (1985); *Contatos imediatos dos besouros astronautas* (1985); *Os habitantes do espelho* (1994); *Os nadinhas* (1995); *Nemo, o peixinho filósofo* (2009); e *Um poeta chamado grilo* (2009). A presença da fantasia na formação do leitor criança em *Os nadinhas* configura-se por meio de alguns aspectos, como: a criança e a família, experiências e valores sociais, métodos de alfabetização.

A CRIANÇA E A FAMÍLIA

À família cabe, convencionalmente, responsabilizar-se pela condução das primeiras acepções das crianças em termos de leitura e de mundo, o que claramente nota-se da relação estabelecida entre o avô Mateus, a mãe Arminda e o neto Lucas. As histórias contadas pela mãe e os ensinamentos do avô voltados à alfabetização do menino, o tornou um ser mais preparado para enfrentar algo bem maior, a educação formal. Antes desse processo inicial, sua vida era monótona, como verificamos no seguinte trecho: “Eu passava muito tempo debaixo da árvore, olhando os sanhaços bicando as goiabas, que se abriam vermelhas como flores. Minha vidinha então não tinha grandes horizontes. Eu via a mamãe e o vovô cuidando de mim e me dando ordens.” (BRASIL, 2014, p. 3).

Para a teoria cognitiva de Piaget (2012), o processo de aprendizagem está em constante desenvolvimento, pois começa ao nascer e termina na idade adulta:

Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável – caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos, também a vida mental pode ser concebida como evoluindo na direção de forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto (PIAGET, 2012, p. 3).

Isso leva à explicação de que o desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança está em constante evolução, assim nunca cessa, apenas evolui-se no “brincar”. Na teoria de Freud (1996, p. 136) esta concepção é ratificada no seguinte trecho: “Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra”.

Luquinha não se recusou ao prazer de contemplar os sanhaços e de se divertir no quintal de sua casa, apenas transformou sua brincadeira quando adentrou o mundo do conhecimento e incorporou-se à fantasia. Nesse ponto, a teoria de Freud (1996), pode trazer um alento para quem considera que o menino Lucas renunciou o seu brincar de criança. Na verdade, ele o substituiu pela fantasia, passando a conviver com as muitas possibilidades que a leitura oferece, propiciando uma ação libertária, em contexto de mediação pela família, que apresenta um modelo não convencional para os tempos atuais.

EXPERIÊNCIAS LEITORAS E VALORES SOCIAIS

As experiências criadas na narrativa infantil de Assis Brasil transpõem o leitor criança para o universo ficcional, sob a experiência da fantasia. Aliás, é sobre o aspecto da fantasia dos contos de fadas que mencionamos Bettelheim (2007) anteriormente, pois ele afirma que o leitor jovem vai além do entretenimento da obra literária, para compreender sua própria existência, por meio do simbólico, com a finalidade de solucionar seus dilemas, que são universais. As crianças, em geral, são levadas a questionar as coisas para tentar compreendê-las, e assim, abstrair, mesmo que artificialmente, suas experiências e valores sociais, mas para os adultos, esta tem sido uma tarefa nada fácil de resolver. O estudo de Piaget (2012) constata que os “porquês” das crianças tornam-se obscuros para a consciência adulta, exatamente, porque são perguntas que estão relacionadas aos fenômenos naturais ou acontecimentos que não comportam um porquê, dado ao seu acaso. O diálogo das personagens de *Os nadinhas* revela a curiosidade e a dificuldade de responder as perguntas do infante, como observamos neste trecho:

- A natureza é assim, Luquinha – ele disse. – Pródiga de tudo quanto é vida. Criou uma variedade infinita delas. Em qualquer lugar que você mexer, encontrará vida.
- Por quê, vovô?
 - Esse é um dos mistérios do nosso planeta.
 - E para que servem tantas vidinhas? [...]
 - Ninguém sabe para que servem tantas vidas – ele comentou. [...]
 - Há um sentido em tudo, mas ele ainda está oculto para as pessoas.
 - Por que, vovô? (BRASIL, 2014, p. 21).

Magalhães (2001) reforça que as crianças por não compreenderem as leis naturais, geralmente as confundem com as leis morais, e isso ocorre porque não estão buscando os motivos, e sim a finalidade dos eficientes fenômenos, pois acreditam que estes estão a seu serviço, em virtude de seu pensamento artificialista. Para o pensamento infantil animista, o processo ocorre por meio da intencionalidade e da utilidade que isso promove ao homem. Piaget (2012) exemplifica isso como sendo uma reação consciente, como a lâmpada que acende, a lua que dá claridade, entre outros. O teórico acrescenta que a consciência infantil não é igual à dos homens, mesmo assim, é uma consciência que apresenta o *minimum* de saber e intencionalidade, o que permite ao leitor realizar suas ações.

Esse comportamento infantil que consideramos ser dotado de experiências, nos encaminha para uma assimilação mais próxima do que buscamos encontrar na obra estudada, a capacidade formativa que a literatura oferece ao seu leitor. Cademartori (2010) considera que o fato de promover experiências de linguagem e de sentidos num espaço de liberdade que só a leitura oferece, é que torna a literatura infantil importante para a criança. Na corroboração consensual do comportamento formador da literatura infantil, destacamos mais um trecho de *Os nadinhas* para mais reflexões:

- Mamãe já lhe falou do Papai do Céu?
 - Falou.
 - Pois é. Só Ele sabe de tudo.
- Então eu fiz mais uma associação de ideias, agora ao lado do dicionário, e deduzi que os Nadinhas eram também filhos do Papai do Céu.
- “Eu devo contar ao vovô”, pensei, “Ele vai gostar, vai saber que também no seu dicionário Deus colocou vida” (BRASIL, 2014, p. 22).

O diálogo do avô com o neto nos dimensiona a noção da relação fantasia e real, exteriorizada numa comunhão de sentidos, oferecidos pelos elementos simbólicos que a obra literária apresenta e revela ao seu leitor. Além das experiências que os contos de fadas carregam

em seu bojo, há também os valores sociais que permitem a conciliação desses aspectos e caracterizam a obra como sendo libertadora.

Um fator importante que apontamos inicialmente e que está diretamente relacionado às experiências e valores sociais são os contadores de histórias, pessoas comuns, geralmente com mais idade e experiência, que no final do Século XVII se dedicavam a contar histórias populares, que se propagavam de pais para filhos, e que mais tarde se transformariam nos contos tradicionais ou contos de fadas. O menino Lucas conheceu diferentes histórias na sua infância, contadas por seu avô Mateus, iniciando-o ao universo literário:

Mas, embora tivesse aquele livro ali na sua estante, vovô nunca tinha me falado na vida de Dom Quixote, assim como já tinha me falado na vida dos três mosqueteiros, na vida de Alice, viajando naquele país de maravilhas, talvez até mais maravilhoso do que o país dos Nadinhas. Tinha falado ainda no Robinson Crusóe e nas viagens de Gulliver, mas com uma advertência: “Essas histórias você vai ler mais tarde” (BRASIL, 2014, p. 58).

O avô faz advertência ao neto Luquinha, porque este ainda não sabe ler, e para a percepção de outros elementos simbólicos dos contos e narrativas, faz-se necessário o contato direto com a leitura propriamente dita. Assim, o contador de histórias é aquele para o qual todas as nossas atenções estão voltadas, em profundo êxtase que a história contada pode nos causar, por via oral ou por via escrita.

Busatto (2012) faz algumas advertências do risco de sintetizar as narrativas e de desprovê-las dos elementos responsáveis pelo seu encantamento, como as imagens verbais oferecidas pelo próprio texto e a eliminação do simbolismo. Outra advertência é a modernização da linguagem dos contos tradicionais que alguns escritores insistem em fazer, e assim não preservam elementos inerentes ao conto. A autora ressalta ainda, que, ao simplificar uma narrativa, usando apenas a síntese da história, pode ocorrer a omissão ao imaginário da imagem visual.

A contação de histórias torna-se um tema muito instigante pelas várias possibilidades de exploração que o assunto oferece. Para nós, já há indicação de que a literatura tem o seu papel formador e libertador, no entanto, devemos observar com bastante atenção o que teóricos e escritores apontam sobre os métodos e materiais de alfabetização que devem ser utilizados para obtenção de resultados positivos em relação à função formadora da literatura infantil, sobretudo, a de Assis Brasil.

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

À medida em que Lucas começava a se apropriar do conhecimento por meio das letras e da formação de palavras com seus respectivos significados, a vida tornou-se muito mais interessante e passou a fazer mais sentido diante dos acontecimentos que surgiam de suas primeiras imagens literárias, por meio da mediação do avô Mateus.

No processo de alfabetização narrado pelo autor, o primeiro contato da personagem com a leitura ocorreu em uma cartilha do “á-bê-cê”, em que Lucas aprendeu as letras do alfabeto e as primeiras sílabas: “Eu não sabia nem mesmo como era um a, lembro-me bem disso. Mas, aos poucos, fui gravando a forma das letras: as maiúsculas e as minúsculas. Primeiro corrido, em ordem alfabética mesmo, como se diz, depois salteado, pulando as letras.” (BRASIL, 2014, p. 13).

O que desejamos aqui não é criticar os métodos aplicados para ensinar as crianças a ler e escrever, pois nossa pretensão consiste em reforçar o papel da família e da escola como responsáveis e incentivadoras da experiência de leitura e da transformação que esse processo pode lhes oferecer, enquanto função formativa e emancipadora. Observamos que a escola concentra os resultados mais positivos dessa aquisição, talvez por seguir critérios quanto à finalidade da leitura, qualidade do material, interesses dos leitores e de sugestões. A finalidade é proporcionar, de alguma forma, mecanismos que ajudem na transformação de experiências não convencionais à leitura.

Aguiar (1986) apresenta a finalidade de leitura sob duas formas: de informação e de recreação. Em se tratando do fornecimento de informações, o texto oferece dados de acontecimentos atuais ou do cotidiano das crianças, pesquisados em livros, jornais, periódicos, revistas, e outros tipos de leitura que chamem a atenção dos leitores em sala de aula; na leitura recreativa, o conhecimento não é a aquisição mais imediata, porém, atua de forma pedagógica, deixando a mensagem que se propôs. Sobre a seleção de livros, Cosson (2011), adverte que não há uma total livre escolha do que se lê, sempre ocorre por condução e por uma série de fatores atribuídos, inclusive ao interesse econômico.

Para Zilberman (2003), é a posse dos códigos de leitura que modifica o *status* da criança e integra-a num universo maior de signos, muito além da audição e do deciframento das imagens visuais, isto se considerado o imperialismo do texto. Segundo a autora, o texto literário promove o crescimento da criança pela sua imersão no universo da palavra escrita,

e seu desenvolvimento intelectual pode ser medido por meio dos conteúdos assimilados na educação formal, tornando-o superior diante dos demais meios de comunicação. A mudança de *status* da criança, mencionada por Zilberman (2003), encontra relação na seguinte citação da obra literária: “Minha descoberta dos Nadinhas foi uma grande revelação. Passei não só a soletrar sempre e sempre mais palavras, aprendendo o seu significado, mas principalmente a procurar pelos Nadinhas, tentando descobrir onde realmente moravam e se existiam muitos” (BRASIL, 2014, p. 23).

A fantasia utilizada pelos narradores promove ao texto literário escrito as condições ideais para o desenvolvimento cognitivo da criança. Cademartori (2010) defende que o contato inicial com a literatura não exige que a criança domine o código escrito, isso porque a experiência pré-escolar já a coloca diante de muitas manifestações como as narrativas orais, versos e muitas outras, que contêm a riqueza do ludismo sonoro e semântico.

Em *Os nadinhas*, Luquinha mesmo que ainda não domine o código escrito, já traz consigo várias manifestações sobre os ensinamentos do avô Mateus e do universo fantasioso que a literatura é capaz de ofertar, demonstrando senso crítico a partir da associação de ideias que é capaz de realizar.

Outro fator contribuinte para o desenvolvimento da leitura está associado à qualidade do material, que deve proporcionar ao leitor criança uma via para o trabalho eficaz com o texto literário. Aguiar (1986) chama atenção para a relação assimétrica entre os elementos do texto, um problema que, segundo ela, pode ser reduzido com a adaptação dos componentes textuais à realidade do leitor. A autora aponta que na qualidade do material devem ser considerados os seguintes níveis de adaptação: o assunto, a estrutura da história, o estilo, a forma e os aspectos externos. Convém ressaltar o quanto é importante a leitura e a escrita para a vivência plena da criança, somando-se a isso a literatura infantil, que surge como um veículo condutor de posturas emancipatórias, seja no exercício da fantasia ou na atuação na vida social.

Por fim, considerando os contextos de fantasia e formação do leitor na narrativa *Os nadinhas*, evidenciamos que a experiência da criança com obras infantis também no seio da família pode propiciar efeitos profícuos no desenvolvimento cognitivo do sujeito sociohistórico, assim ele constrói sentidos para suas vivências. Por isso, a troca de experiências entre leitores é importante para a formação desse sujeito e, sobretudo, quando os leitores se projetam na obra literária, numa pauta em que as experiências leitoras e os valores sociais são articulados na narrativa tendo o real como referência. Essa ação pode ser realizada por meio de métodos

de iniciação à leitura e escrita, para que ocorram configurações significativas que repercutam no fantasiar, no pensar e no viver da criança. A título de ilustração, podemos concluir que a formação do leitor Luquinha (criança) foi desenvolvida com eficiência, em razão da própria narrativa demonstrar que ele é o narrador da história, na fase adulta, em que registra, por meio de suas memórias, as experiências com os seres imaginários Nadinhas e sua família, que o encaminham para o *status* de sujeito emancipado, realizando ações autônomas, como é o caso da própria produção escrita sobre uma fase da sua trajetória infantil, assumida na voz do narrador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Os nadinhas* nos proporciona as condições favoráveis para compreender a sua funcionalidade e extensão enquanto leitura formadora e libertadora, sob o ponto de vista da fantasia. Aliás, *Os nadinhas*, do seu início ao fim, apresenta um universo ficcional amplo ao imaginário infantil, permeado pelos elementos simbólicos que o narrador utiliza para construir a história. A narrativa de Assis Brasil, embora se sirva das características dos contos tradicionais, traz reflexões sociais à tona, reafirmando o realismo moderno de suas outras literaturas. A obra *Os nadinhas* evidencia a relação entre fantasia e real, como partícipes de um mesmo processo para o qual estão ligados intrinsecamente, produzindo os efeitos necessários à compreensão de mundo da criança, tornando-a com capacidade crítica para decidir sobre suas escolhas.

Nesse sentido, analisamos as relações adulto/criança e o pensamento típico do conto de fadas, para compreender os efeitos que a linguagem simbólica, contida na literatura infantil, consegue causar à criança, que não confunde realidade de fantasia. Desse modo, os estudos apontam para a confirmação da literatura infantil de Assis Brasil, na obra *Os nadinhas*, ser um instrumento de formação da criança, observando-se os componentes da narrativa (voz do narrador e da personagem) como transmissores das diferentes linguagens comunicativas. As trocas de experiências e os valores sociais no texto literário também se cooperam para a ratificação dessa ação libertária.

Assim, constatamos que as experiências leitoras com a participação da família como introdutora do processo de aprendizagem da criança são essencialmente importantes, aliando-se, posteriormente, à escola formal, com os métodos de alfabetização, que promove as condições específicas e favoráveis ao desenvolvimento do infante, para que ele cresça e torne-se um sujeito capaz de ações autônomas na execução das suas demandas existenciais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. (Novas Perspectivas, 1).
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 21. ed. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Os nadinhas*. Teresina: Nova Aliança, 2014. 72 p.
- BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil?* São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).
- CECCANTINI, João Luís. Outra vez era uma vez: contos de fadas e literatura infantil brasileira. In: MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Org.). *Tópicos de literatura infantil e juvenil*. Maringá: Eduem, 2011. (Formação de professores em Letras – EAD; n. 16).
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 5. ed. Barueri, SP: Manole, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio (1908). In: *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real*. Teresina: UFPI, 2001.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. A contribuição do escritor piauiense Assis Brasil para a literatura brasileira destinada ao público jovem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 3., 2012, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: PUCRS, 2012. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Index.html>. Acesso em: 12 fev. 2020.
- MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Literatura infantil e juvenil: concepções introdutórias. In: *Tópicos de literatura infantil e juvenil*. Maringá: Eduem, 2011. (Formação de professores em Letras – EAD; n. 16).
- PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 25. ed. Tradução Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2012.

ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. *A fantasia e o real na literatura infantojuvenil de Assis Brasil: por uma função emancipatória*. 2013. (Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Piauí).

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.